

AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A - 2.º ANDAR - SALA 2

ANO IV - N.º 57

Rio de Janeiro - Quinta-feira, 28 de Julho de 1949

Preço: Cr\$ 0,50

CAIXA POSTAL 4.538

O capitalismo particular chegou ao seu ponto crítico de desenvolvimento. Para salvar-se, este sistema de exploração e de roubo precisa transformar a chamada democracia em um Estado totalitário. Parece-nos que esta tarefa não lhe vai ser muito difícil, porque o instinto de rebanho, isto é, o nacionalismo, cultivado pelo Estado durante centenas de anos e principalmente depois da última guerra, é mais forte que o amor à liberdade e aos interesses particulares.

Para realizar este plano, já começaram a suprimir as poucas "liberdades" que nos restavam, transformando o povo em um rebanho, fiscalizado e oprimido por decretos e leis restritivos, em uma multidão intimidada de pagadores de impostos e multas, com a finalidade de fortalecer esta máquina sem alma, o Estado nacional.

Uma das tais democracias sustentou o fascismo, para depois jogar a bomba atômica sobre a população inocente de duas cidades, e burlou os povos com a Carta do Atlântico; outra proibiu o funcionamento dos sindicatos livres e roubou ao trabalhador, sob pretexto pueril, sua arma de luta, a greve, e prometeu as quatro liberdades, porém exige que o indivíduo ande, dentro de sua própria casa, munido com uma infinidade de papéis registrados, selados e carimbados, pois, em caso contrário, arriscar-se-á a ser tratado como criminoso.

A MARCHA PARA O FASCISMO

Por GERMINAL



Nunca na história humana, exceto na Idade Média, em que dominou o fascismo negro, instalado pela Igreja Católica, viveu o povo sob tal fiscalização policial. Vivemos num Estado totalitário, fantasiado com o manto surrado da democracia, que se mete na vida de todos e regula "em nome do povo", cada passo de nossa existência. É uma tirania em desenvolvimento. O procedimento dos reis e da Igreja Católica nos tempos passados é bastante conhecido, mas as condições em que hoje vivemos são idênticas, senão piores.

Porém outra coisa precisa ser dita. É fato inegável, que tudo isso significa para os "bons e os justos" — os patriotas, esses eter-

nos crédulos — muito menos que suas paixões nacionalistas. Eles renunciaram em favor de seu idolo, o Estado, e seus símbolos, voluntariamente e com entusiasmo, ao gozo da liberdade positiva. São autômatos com aspecto humano, que biologicamente ainda vivem, mas cujos sentimentos estão mortos. Falam da liberdade, como pagagalos, mas como pode um autômato viver sua existência no sentido da auto-determinação? Para eles, o importante não é a liberdade, mas uma abstração — o Estado. Conformam-se com uma "liberdade" camuflada ou racionalizada. Dizem: — Queremos a liberdade! — Como se eles soubessem o que querem?! Subordinam-se às autoridades e adotam, desta maneira, um Eu alheio. Vivem sempre no passado, incapazes de olhar o futuro. Chamam-se realistas, e como tais, ridicularizam como utopia toda experiência de um novo modo sensato de pensar.

E os comunistas? Achem-se na mesma estrada. O ex-revolucionário Josef Stalin e seus cúmplices atigaram e animaram as paixões nacionalistas do povo russo com a mesma propaganda e as mesmas bandeiras nacionais, canções pa-

trióticas e uniformes, com as mesmas paradas e a mesma polícia, como nos países fascistas e democratas. Para consolidar o poder do Estado nacional, forçaram o povo a abandonar a idéia socialista e, com isto, frustraram todas as esperanças para melhores condições de vida. Reduziram ao mínimo a produção de artigos que serviam para o bem-estar do povo, porém concentraram a força produtiva na fabricação de material de guerra. Sufocaram com meios draconianos as aspirações do povo para a liberdade individual. Hoje está claríssimo para todos, exceto para os comunistas, que não vivem naquele paraíso, que a União Soviética não se desenvolveu para o cosmopolitismo, mas para o controle absoluto do Estado, para a dominação completa e total do povo russo, por um governo nacionalista.

Os democratas procuram saber se a implantação do fascismo é um perigo para a vida parasitária da classe dominante; sonham ainda com uma liberdade de decisão, que em realidade não mais possuem. A era de livre decisão passou; o totalitarismo vermelho forçava-os a desfaldarem sua bandeira com a cruz suástica. Não têm outra alternativa.

Hoje é, até certo ponto, possível comparar o desenvolvimento dos dois sistemas. O que verificamos é a mesma evolução do mecanismo do Estado nacional e o (Continua na pág. 3)

FIGURAS DO ANARQUISMO



FRANCISCO ASCASO

A Revolução Francesa de 1789-1793 tem um significado: proclamou os Direitos do homem, abateu o feudalismo, o absolutismo monárquico e implantou a democracia.

A Revolução Russa de 1917 termina com o predomínio dos Tzarres, e, em nome do comunismo e do proletariado, implanta uma das mais cruéis ditaduras. A Revolução Espanhola de Julho de 1936 significa, por sua vez, o combate pela liberdade integral, a ação direta do povo contra o fascismo, o exemplo mais sério que a classe trabalhadora pôde dar ao mundo. Lutando e morrendo, heroicamente afirmou sua vontade inquebrantável de transformar a sociedade burguesa, em sociedade de livres produtores.

Entre aqueles homens que se batiam contra as hordas fascistas de Franco, Hitler e Mussolini, desejamos destacar a figura de Francisco Ascaso, membro da Confederação Nacional do Trabalho (C. N. T.) e da Federação Anarquista Ibérica (F. A. I.) e um de seus mais dedicados militantes. Seu espírito ardoroso, inquieto e vibrante levou-o a tomar parte em inúmeros episódios dentro e fora da Espanha, sempre em defesa das idéias anarquistas. E quando Franco traía a República, se subleva, Ascaso está nas primeiras filas de antifascistas, tombando sem vida no dia 20 de Julho de 1936, quando, a frente de uma multidão de mais de 10 mil trabalhadores procurava sufocar o levante fascista no quartel de Atrazanas (Barcelona).

Francisco Ascaso pensou, desde pequeno, no destino do homem. Todos os atos de sua vida tiveram por objetivo humanizar, aperfeiçoar e dar consciência ao homem. Podemos dizer de Ascaso que foi um militante anarquista que lutou incessantemente pela felicidade de toda a humanidade, e que, nesta incansável luta, deu a própria vida, que é o máximo que pode dar um homem.

Em toda a história da classe operária, nenhum gesto teve maior significação, que o realizado pelos trabalhadores da Espanha. Sua epopéia combativa e criadora é o mais alto galardão do proletariado. Recordar esta data não vale só como homenagem a um povo heróico que sofre e luta em terríveis condições contra a tirania franquista. Vale também como estímulo para os que persistem na empresa de libertar a sociedade de todos os jugos realizando o sonho dos grandes precursores, o ideal insuperável de luta social: emancipar o mundo trabalhador. E nesta luta, na primeira fila, se encontram os anarquistas que, como Francisco Ascaso, ou vivem para ser livres, ou morrem para deixar de ser escravos.

covarde, aliado aos satélites de Stalin, ordenava o massacre dos militantes da C. N. T., os mesmos que o salvaram na madrugada trágica de 19 de Julho de 1936!...

Se o fascismo foi cruel e covarde, atentando contra os direitos e a liberdade do povo espanhol, mais covardes foram as chamadas nações democráticas, porque estas tinham o dever iniludível de defender a integridade política da República Espanhola. Estas Democracias, ao verem desde os primeiros momentos, quando vencido o fascismo em Madrid, Valência e Barcelona, a capacidade construtiva da C. N. T. e do anarquismo para organizarem a nova vida social, instaurando o verdadeiro socialismo, pensaram na repercussão que a Revolução Espanhola teria em todo o continente europeu, e conspiraram para impedir o triunfo dos trabalhadores. E foi justamente um socialista, Léon Blum, quem criou o fatídico Comitê de

(Conclui na pág. 2)

DOIS PACIFISMOS

Por uma aluna da Faculdade de Filosofia

Agora, quando, de novo, tanto se fala de paz e quando norte-americanos e seus vassallos, de um lado, e russos e demais partidários da ditadura do partido comunista, de outro, nos buzinam os timpanos com paz e mais paz, é oportuno que digamos algo sobre o assunto, dando a conhecer, uma vez mais, ao público, o nosso ponto-de-vista sobre o momentoso tema: "Que se entende por pacifismo?"

Para uns, é a doutrina que visa estabelecer uma situação moral e econômica entre as nações e tribos, de tal sorte que elas não guerreiem mais umas contra as outras. Tal pacifismo cultiva as idéias de pátria e de independência nacional e adota como divisa: "Se queres paz, prepara a guerra!" (ou "prepara-te para a guerra", o que dá no mesmo, embora a primeira frase traduza mais justamente e com mais verdade a célebre expressão latina). Esta concepção do pacifismo pertence, como os leitores sabem, aos reacionários, aos conservadores, de todos os matizes, desde os corifeus da democracia capitalista norte-americana até os sumos pontífices da ditadura petroletária, que hoje domina a Rússia, passando pelos partidários de Hitler, de Mussolini, Perón, Salazar e Franco.

Para outros, pacifismo é a doutrina que visa exterminar para sempre o mórbus da guerra, extinguindo as suas causas econômicas e psicológicas. Na opinião dos que perfilham o segundo ponto-de-vista, as causas econômicas da guerra desaparecerão da face do planeta somente no dia em que se conseguir a unificação econômica do mundo. Muitos caminhos conduzem a tal unificação. Efetivamente, quer queiram, quer não, o mundo será unificado, isto é, convertido numa só e grande nação:

— pelos inventores, graças aos seus inventos, que encurtam as distâncias e o tempo;

— pelos técnicos, que utilizam as invenções e descobertas da ciência, para organizar racionalmente os meios de produção, e deste modo repartir o trabalho entre os homens e as regiões econômicas em que o mundo se divide;

— pelos trabalhadores, que se unem por cima das fronteiras para darem a batalha final ao povo de mil tentáculos, chamado Capitalismo, que prega a religião do patriotismo para manter separados os povos e mais facilmente dominá-los;

— e até pelos financistas, auxiliados pelos militares, que, por meio de guerras e de trustes financeiros, estabelecem grandes "ententes" ou coligações econômicas de nações, cada vez mais poderosas e também menos numerosas.

Estes caminhos conduzem, através de guerras e revoluções sangrentas, à anulação das nações e do regime capitalista. Nem todos esses caminhos servem, porém, aos verdadeiros, aos sinceros amigos da paz, mas, alguns deles, somente aos homens irracionais, que, enlouquecidos pela cólera, lançam mão de recursos que eles censuram aos seus adversários.

Ora, a ciência e a técnica, fecundadas pelas generosas utopias dos ideólogos do socialismo libertário, revolucionam o mundo e farão desaparecer a principal causa econômica das guerras, que é a divisão da humanidade em nações, em pátrias estreitas e egoístas, dominadas por interesses exclusivistas e contraditórios, que provocam o choque entre elas e fazem deflagrar a chispa das guerras sangrentas. Os fatores psicológicos das guerras, não menos importantes do que os econômicos, fã-los-ão desaparecer os verdadeiros pacifistas, que são os sinceros revolucionários sociais, inspirados por uma ideologia sã, que substitui o distico sedico por este: "Se queres a paz, prepara a paz!"

A paz está na mente e nos corações dos trabalhadores. Portanto, a atividade dos autênticos pacifistas deve consistir em: enraizar nas mentes e nos corações dos seus amigos e camaradas e de todos os homens, entre outros meios, pela prática do esperanto, o sentimento anacionalista, cosmopolita, que desterre do cérebro de todos as idéias estreitas das fronteiras e da religião da pátria, a mais sangrenta de todas as religiões do nosso tempo, e faça de todos os homens, conscientes "cidadãos do mundo"; aguar nos trabalhadores a consciência dos seus interesses de classe, para que eles lutem, por meio da greve, contra todas as espécies dos seus exploradores; eliminar o dinheiro, arma da "mais valia" e da exploração do homem pelo homem; e estabelecer no mundo o verdadeiro socialismo, substituindo a fórmula rígida da oferta e da procura (que hoje domina sangrentamente a humanidade produtora, por meio do regime de ferro do salarizado), pela economia distributiva preconizada pelo comunismo libertário.

Julho Histórico

DA TOMADA DA BASTILHA À REVOLUÇÃO ESPANHOLA

Por MANUEL PERES



O mês de Julho tem recordações muito gratas para a humanidade, já que no seu decurso foram escritas as páginas mais brilhantes das lutas pela liberdade e pela dignidade do homem, disposto sempre a romper as correntes trágicas da exploração e da tirania. No dia 14 de Julho de 1789, o povo de Paris tomava de assalto a Bastilha, e este gesto heroico culminou na grande revolução, que derrocando o regime feudal proclamou os chamados *Direitos do Homem e do Cidadão*.

O 19 de Julho de 1936 recorda a epopéia grandiosa do povo espanhol, que respondendo às provocações do fascismo internacional, que havia preparado a sublevação Franco-falangista para iniciar com ela a sua obra de dominação, demonstrou ao mundo como se luta e como se defendem os princípios fundamentais da liberdade humana. Foi o povo, exclusivamente o povo, o que sofreu e trabalha, que num gesto heróico, e a peito descoberto, marchou pelas ruas de Madrid e de Barcelona, para conquistar a golpes de audácia e de heroísmo, os maiores baluartes do inimigo, que eram os Quartéis de Atrazanas, e o da Montaña, na capital da Espanha.

Nem o governo de Casares Quiroga, nem os partidos políticos, tiveram energias para evitar o gesto de Franco, embora tendo nas mãos todos os poderes, e dispondo de forças armadas para deter, antes do golpe, os conspiradores. Dado o grito de revolta pelo fatídico Caudillo, o chefe do governo republicano, que um dia chamara aos homens da C. N. T. e da F. A. I. de *Bandidos com Carnet* e perseguira a sangue e fogo os seus sindicatos, abandonando sua covardia, abandonando precipitadamente o cargo de Pri-

meiro Ministro. E se o fascismo não triunfou nas primeiras 48 horas, foi devido ao heroísmo do povo, da classe trabalhadora, que conseguiu dominar os sublevados em Catalunha, Aragão, Levante, Madrid, Astúrias, Provincias Vascongadas, e parte de Andaluzia, Extremadura, e Baleares.

Embora reconhecendo o heroísmo do povo, integrado por homens de todas as organizações e partidos políticos da esquerda, é justo destacar a obra grandiosa da C. N. T. e da F. A. I., pois foram estes organismos os que mais lutaram e maiores sacrifícios fizeram para deter a marcha reacionária do inimigo. Não podemos esquecer as palavras de Luiz Companys, então Presidente da Catalunha, quando, após a derrota dos fascistas em Barcelona, graças ao heroísmo dos homens da C. N. T., afirmava à comissão, que a seu pedido o visitara, a sua admiração, com as seguintes palavras, que eram uma demonstração veemente da sua própria impotência: — "Meus amigos, reconheço sinceramente que a C. N. T. e a F. A. I. nunca foram tratadas pelos homens da República com o respeito que merecem; pelo contrário, foram perseguidas a sangue e fogo. Eu mesmo, que em outros tempos militei nas vossas fileiras e conhecia o valor construtivo e revolucionário de vossas organizações, fui obrigado a perseguí-las em virtude das conveniências políticas e partidárias. E a realidade acaba de demonstrar-me como fomos injustos, já que perseguidos ontem, hoje, nos momentos de perigo, e esquecendo as infâmias de que fostes vítimas, com heroísmo sem igual, acabais de vencer os militares fascistas. Perante vós, nem eu, nem o meu governo, nem os partidos políticos que até agora dominaram a Catalunha, representamos nada, nem inspiramos confiança ao povo. Como vencedores todo o poder da Catalunha vos pertence, e eu coloco nas vossas mãos os seus destinos..."

Não quis a C. N. T. assumir o poder que lhe era oferecido; compreendia que a luta era de todo o povo espanhol, e num gesto nobre e generoso, permitiu que Companys continuasse à frente do governo, oferecendo-lhe lealmente o seu concurso. E era este mesmo Companys que, um ano mais tarde, em Maio de 1937, num gesto desleal e

Administração e funcionamento

P. FERREIRA DA SILVA

A sociedade está constituída por classes e dividida em categorias profissionais e econômicas, nas quais os indivíduos geralmente se limitam a determinadas atividades e funções. Assim, criou-se a idéia de que um trabalhador braçal não sabe gerir um armazém, o assentador de tijolos não tem competência para traçar um plano de construção e o tecelão é incapaz de conhecer os segredos mecânicos do seu tear. Em grande parte assim acontece, o que não prova ausência de capacidade de uns para assumir a tarefa de outros. Demonstra apenas acanhado espírito de classe, com fronteiras profissionais apertadas e os indivíduos em círculos nem sempre do seu agrado. Interessa ao industrialismo ter autômatos e não inteligências ao seu serviço. E o preconceito vem de longe, desde quando se sentenciou o sapateiro a não subir além da chinelaria.

É certo que a determinação e especificação de tarefas tem suas vantagens, no funcionamento dos grandes organismos sociais. Trata-se, em última análise, de ordem e método. Não se pode condenar a ordem nem abandonar o método. Mas nem por isso devemos forçar os elementos da coletividade a desempenhar contrafeitos o seu trabalho, e muito menos negar-lhes o direito e a competência para saírem da banca de sapateiro e estudar planos de distribuição, para abandonar a forja e abarcar o âmbito da fábrica.

Da visão estrita, do exclusivismo e da escravidão moderna se servem os inimigos do trabalhador para convencê-los de que precisam de guias. Mas entre os próprios trabalhadores há tudo que é preciso para organizar, dirigir e fazer funcionar uma fábrica. Quem o faz atualmente não são os milionários, que estes gastam todo o seu tempo com outras preocupações.

É bem eloquente o exemplo dos operários japoneses que, discordando dos argumentos do dono da fábrica, resolveram provar-lhe o contrário do que ele alegava para negar-lhes aumento de salário. Ordenaram ao dono que ficasse em casa, puseram-se a trabalhar e a dirigir a fábrica, e do re-

sultado entregaram-lhe suficiente remuneração do capital, obtendo ao mesmo tempo para si mesmos um salário superior e aumentando a produção de maneira surpreendente. Isto é possível porque trabalhadores da fábrica não se devem considerar apenas os operários manuais. Em tal emergência, tratava-se de uma verdadeira comunidade de operários, técnicos, engenheiros e administradores. Assim ha de poder o proletariado trabalhar em sociedade anarquista.

A fábrica japonesa foi um núcleo de regime social anárquico. Uma cooperativa de produção ou de distribuição será um núcleo de regime social anárquico. Cada tentativa desse gênero ha de ser um passo no caminho a trilhar, para nos emanciparmos do domínio de ocultos usurpadores da riqueza comum.

As cooperativas necessitam de um sistema de administração e funcionamento que, para co-existir com as organizações mercantis atuais, deverá adotar muito do que nestas constitui a base das transações características do comércio. E por isso a cooperativa não dispensa planos e estudos técnicos, nem especialistas em administração, nem engenheiros, nem um mínimo de burocracia que, por força da complexidade das relações econômicas, se estendeu das repartições estatais à vida comercial.

Eis porque, sem esquecer o objetivo primordial da cooperativa, que é o das relações autônomas entre consumidores e o aniquilamento progressivo dos intermediários, temos de encorar o aspecto desses estabelecimentos sem lhes estranhar a semelhança aparente com as empresas capitalistas.

A cooperativa exige instalações apropriadas, mais ou menos amplas, e pessoal especializado de acordo com o gênero de atividade que se proponha desenvolver. É claro que o seu funcionamento requer meios adequados, origina despesas que não são apenas as do custo dos produtos a distribuir ou a fabricar. Têm as cooperativas sua gerência, escritório, contabilidade, estatística, engenharia; tratando-se de centros de distribuição, ha de haver um pessoal ao serviço dessa mesma dis-

tribuição; os armazéns precisam de encarregados, de um sistema de entregas severamente restrito para que não se verifiquem as atividades inúteis que anulam o esforço de tantos indivíduos, fazendo deles um peso morto, com a agravante de que, ao invés dos milionários ociosos, extenuam-se numa atividade física à qual não correspondem de qualquer benefício de produção.

O fundo de manutenção da cooperativa não vai cobrir esses gastos de administração e funcionamento, visto que é destinado a assegurar o desenvolvimento das operações sociais, mas sem se extinguir. As quotas reembolsáveis para voltarem aos contribuintes, sem aumento mas também sem diminuição, não podem aplicar-se em despesas administrativas. E assim, para estas forçosos será contar-se com outra receita, realizável por meio de uma taxa aplicada sobre o preço dos produtos a distribuir.

O rigor do combate ao lucro exige que se faça a entrega dos produtos sem lucro. Por outro lado, não é possível entregá-los pelo preço de aquisição. A diferença entre os preços de custo e de venda é justificada, no comércio comum, com as despesas pessoais, impostos e todos os demais encargos de um estabelecimento; mas presta-se a exagero, e encobre lucros desmedidos de uma exploração calamitosa. A nossa cooperativa pode e deve desmascarar tal exploração, pondo em evidência os preços de custo e adicionando-lhes apenas, para as despesas de administração e funcionamento, uma taxa criteriosamente estabelecida variando conforme os encargos da sociedade. Uma contribuição dos beneficiados e proporcional ao benefício.

Por menores são estes que a realidade nos obriga a estudar e que não excluem o reajustamento periódico dos preços ou taxas, afim de que o saldo, a verificar-se, seja invertido no período seguinte em diminuição dos mesmos preços ou taxas. É o princípio de uma nova organização econômica em luta contra o comércio intermediário. Um meio eficaz de combate à exploração desumana e anti-social.

ESCU TA, O' POVO!

ROBERTO DAS NEVES

Escuta bem, ó Povo, ó meu irmão,
criador das maravilhas que ha no globo:
Tu, que a vida de todos tens na mão,
és tratado como um leproso cão,
és corrido atrozmente como um lobo.

As veredas da História estão coalhadas
do teu sangue plebeu, vermelho, puro
— sangue das tuas carnes retalhadas,
vertido em tuas épicas jornadas,
na marcha ascensional para o futuro.

Empunha o "knut" das cóleras supremas
e expulsa os vendilhões do teu labor!
O' Povo, ó meu irmão, a pé, não tremas!
Eia! Estilhaça as pristinas algemas,
e surge, enfim, redento e redentor!

Salva o Viver do pântano do Vício,
ó sempre ensanguentado e nunca exangue!
Seja a Vida prazer e não suplício!
Do ideal Porvir o rútilo edifício
constroi-o, argamassado com teu sangue!

Que o homem do homem seja companheiro,
e não lobo esfaimado, como agora!
Do aúreo plinto destrona o deus Dinheiro
— deus tigre, deus chacal, deus carniceiro,
criador de todo o mal que nos devora!

O Deus tirano e velho do Infinito,
o estulto Autor da feia Criação,
deporta-o, povo, do Orbe! O velho mito,
Deus, sofrerá, caquético e proscrito,
a vingança dos pósteros de Adão!

Sobre os escombros deste mundo imundo,
nova Sodoma ignóbil e sêdica,
que um dilúvio de fogo, alto e profundo,
subverterá — levanta o Novo Mundo,
a Cidade Encantada da Justiça!

Único Deus, ó Povo que amo tanto,
relicário fiel da pura Idéia,
este mundo infernal de luto e pranto,
converte em Céu! Compõe o último canto
da tua formidável epopeia!

LEITURA QUE ACONSELHAMOS

Roberto das Neves — "Curso Completo (Elementar, Médio e Superior) de Esperanto" — Cr\$ 50,00.
P. Kropotkine — "Em volta de uma vida" (autobiografia) — Cr\$ 40,00.
Rodolfo Rucker — "Idéias absolutistas no socialismo" — Cr\$ 18,00.
José Otília — "O Anarquismo ao alcance de todos" — Cr\$ 12,00.
Tomaz da Fonseca — "Sermões da Montanha" — Cr\$ 40,00.

A MARCHA PARA O FASCISMO

(Continuação da 1.ª página)

aumento incessante da opressão para sufocar a liberdade do indivíduo. Ambos grupos estão hipnotizados pela demonstração fascista. Se tentarmos distinguir democracia, stalinismo e fascismo, verificaremos que a tensão causada pela super-estrutura estatal do mundo inteiro, tanto nos Estados democráticos como nos chamados comunistas, leva-os fatalmente para o fascismo. E se tivéssemos que escolher entre o capitalismo nacional ou o comunismo nacional, nenhum destes aceitaríamos, porquanto o nacionalismo e o estalinismo são as principais características do fascismo. O nacionalismo é, com efeito, uma limonada gasosa, que se mistura com todas as outras bebidas e as torna espumantes, mas venenosas para o indivíduo.

Entre o trio — democracia, comunismo autoritário e fascismo — existe um parentesco bastante acentuado, de tal maneira, que não podemos considerá-los como extremos absolutos. A democracia encerra em si tanta ditadura — a polícia, o militarismo, o burocratismo, as leis, prisões, etc. — como o fascismo e o comunismo autoritário. Todos os três defendem uma ordem social cujo pilar principal está baseado no Estado, na desigualdade econômica, no roubo e na exploração. É verdade que os esforços dos anarquistas não puderam impedir a vitória do fascismo e do comunismo marxista mas conseguiram conservar pura sua ideologia e sobreviver num período em que a ideologia democrática e o marxismo fracassaram completamente. O marxismo, a democracia e o fascismo pertencem ao passado, pois foram esmagados pelas realidades do presente. Resta o anarquismo, a ideologia do futuro!



"Urge remediar, quanto antes, o erro tremendo de não haver-se consignado, na Constituição da República, o direito ao divórcio, hoje desfrutado por todos os povos livres e civilizados" — entende um plúmfito democrático.

— Segundo se lê num velho alfarrábio inspirado aos homens pelo Espírito Santo, Jeová, ao ressarcir-se das fadigas do Génesis, apercebeu-se de haver cometido uma "gaffe": a criação do rato. E, para remediar a coisa, fez o gato. O gato não é, pois, senão uma espécie de errata acrescentada pelo Criador ao livro do Génesis: a errata do rato. O mesmo se dá com o divórcio: não passa de uma pobre errata do casamento. Tal, porém, como sucede com as erratas de qualquer obra, que não anulam totalmente os inconvenientes ocasionados pelos erros dos autores, tanto o gato quanto o divórcio não passam de deficientes, senão vãs, tentativas de remediar os danos causados, respectivamente, pelo rato e pelo casamento. Quantas vezes, ao arranhar um tapete ou escaqueirar uma jarra, um gato não provoca prejuízos muito maiores do que aqueles que poderiam ser ocasionados por muitos ratos?! Coisa idêntica, se não pior, verificamos com o divórcio, pois este, muito menos eficaz do que o gato, que ao menos devora os ratos, longe de destruir o mal, que é o casamento, não faz, na maioria das vezes, senão perpetuá-lo, dando incentivo aos indivíduos para tentarem novas e mais dolorosas experiências matrimoniais.

O mal, que é preciso anular, reside no rato e no casamento! O remédio para um e para outro consiste, não em inventar paliativos, como o do gato e o do divórcio, mas em eliminar as causas profundas do mal, que são o próprio rato e o próprio casamento. O casamento, sim, é um mal. Proclamaram-no, antes de mim, todos os grandes amorosos e cientistas que não cultivaram a hipocrisia, como, por exemplo, Ovidio, Balzac, Havelock Ellis, Kolontai e tantos outros pensadores, que escreveram os mais terríveis libelos contra o sagrado sacramento do matrimônio. Se o rato, de que o gato é a inútil errata divina, destroi grande parte das searas, dos celeiros e das despesas, o casamento, do qual o divórcio é a contraproducente errata humana, destroi o amor. A palavra "casamento" deriva de "casa". É a união, sancionada pelo Estado e pela Igreja, de dois indivíduos de sexo diferente, com o objetivo de constituírem um lar, e supõe a convivência de ambos sob o mesmo teto, na mesma "casa". Mas aqui é que reside o mal. A forçada e longa convivência de dois seres apaixonados, com a satisfação em comum de certas necessidades fisiológicas grosseiras, conduz fatalmente ao tédio, que destroi toda a ilusão, basé do amor. Por isso, raro é o amor que resiste a cinco anos de matrimônio, e por isso é também que os cafés, casines, teatros, cinemas, etc., regorgitam de homens casados, que ali vão arejar um pouco a monotonia da sua existência doméstica.

Eu sou contra o divórcio porque sou contra a mentira convencional do casamento, por uma reforma profunda da ética sexual.

"Só um governo sob a égide do Partido Comunista, com pulso forte e rédeas centralizadas, poderá assegurar a verdadeira democracia"

— doutrina o clarim nacional-soviético. "Só por meio de leis feitas respeitar por um governo forte, poderá o povo ser feliz" — grita o clarinete integralista. "O povo quer Getúlio. Só ele, com seu pulso forte, poderá manter em respeito os exploradores do povo" — proclama o saxofone quememista.

— Comunistas, integralistas e getulistas todos eles falam a mesma linguagem. Todos estão de acordo em considerar o povo uma criança incapaz de governar-se, e por isso reclamam para ele um tutor armado de palmatória e chicote. Foi certamente pensando em asnos como estes (sem ofensa para os inteligentes quadrúpedes reabilitados pelo grande Vitor Hugo), que o meu amigo Guerra Junqueiro escreveu aqueles versos: "O povo é uma criança eterna. Quem lhe bate melhor é quem melhor governa".

"O russo Bakountine, fundador da Aliança Universal, organizou o partido chamado Anarquista. Adversários de qualquer forma de governo, de qualquer Igreja, de quaisquer instituições, os anarquistas querem apenas destruir. Para substituir o que destruíram, nada propõem. Dai a denominação que se lhes deu na Rússia, de Nihilistas" — lê-se no "Eptome de História Universal", adoptado nas escolas, da autoria de Jonathan Serrano, do Instituto Histórico e professor do Colégio Pedro 2.º

— Dificilmente se encontrará tanta tolice em tão poucas linhas. E o pior é que, segundo me informam, o sr. Jonathan, que nem sequer sabe transpor para a portuguesa a grafia francesa de Bacountine, é professor.

Com professores como este, não admira que o Brasil não marche.

"No regresso da missa, Maria dos Anjos de Oliveira, residente em Osvaldo Cruz, verificou que os larapios lhe haviam entrado em casa e roubado toda a roupa. Na delegacia de Polícia em Marechal Hermes, aonde foi queixar-se, a pobre lamentava-se de que N. S. Jesus Cristo não houvesse evitado o roubo".

— A maior parte dos cristãos, como esta mulher, gostariam de

ver o grande revolucionário da Galileia assentar praça na Polícia Especial.

"Quando José de Sousa Gomes, de 22 anos, festejava a noite de São João, queimando bombas, uma destas estourou-lhe nas mãos e esfacelou-lhe três dedos".
— Milagre do santo: em vez de três dedos, poderia ter-lhe esfacelado as duas mãos.

"As autoridades russas, impotentes para dominarem o movimento grevista dos ferroviários alemães contra a administração soviética da empresa berlinense de trens, solicitaram o concurso das autoridades militares britânicas e norte-americanas, com a ajuda das quais finalmente conseguiram pôr termo à greve por melhoria de condições de vida". — noticiam as agências. — Os comunistas foram sempre assim: vermelhos por fora e brancos por dentro. Como os rabanetes.

"S. Francisco de Assis é o mais perfeito modelo da humildade cristã" — entende um monsenhor qualquer no porta-voz da Ação Católica. — Isso, agora, virgula. O mais perfeito modelo da humildade cristã é o cachorro, que lamba as mãos e os pés de quem o esborda.

"A tabela de preços das cerimônias do culto aprovada pelo último Sinodo Diocesano, registra uma grande redução".

— Tal como sucedeu com as tarifas das viagens de avião e de navios, também baixaram os preços das passagens para o Céu. Man sintoma para a Igreja, forçada a reduzir os seus preços pela concorrência das outras religiões! O Vaticano adopta medidas drásticas para evitar a bancarrota que se avizinha.

"Lutemos contra Satan, que combate a religião!" — exorta mons. Lula.

— Perdão, reverendo marisco. Eu não combato a religião, que é, segundo a etimologia, o elo espiritual que liga os homens. Eu combato é as religiões, porque estas nos separam.

"O rosto é o espelho da alma". — Sobretudo no sr. Dutra.

DUAS ANEDOTAS

Um prégador vibra dois valentes murros nas bordas do pulpito, como para impor silêncio, e começa assim o seu sermão:

— Meus amados irmãos, tudo quanto existe é obra de Deus, e tudo quanto Deus faz é perfeito!

— Isso é verdade! — grita, no meio da estupefação geral um corcunda. E, apontando a corcunda: — Olhem esta perfeição!

Ao expirar, um negociante dita as suas últimas vontades ao tabelião:

— Não se esqueça de anotar que desejo que o meu cadáver seja incinerado.

— E que destino quer que se dê às cinzas?

— Remetam-nas, sob registro, ao ministro da Fazenda, com os seguintes dizeres: "Aqui vai o resto! Agora já V. E.ª tem tudo!"

